

Uma Análise sobre a Natureza Ideológica do Fascismo e do Nazismo: Refutando a Vinculação com a Esquerda

Alessandro Fernandes - UNISINOS (alfernandes@edu.unisinos.br)

Resumo: Este estudo examina a tentativa de vinculação do fascismo e do nazismo às ideologias de esquerda, esclarecendo distorções ideológicas e oferecendo uma análise histórica, comparativa e teórica. Demonstrou-se que tanto o fascismo quanto o nazismo são manifestações da extrema direita, baseadas em princípios de autoritarismo, nacionalismo exacerbado e rígidas hierarquias sociais. A estratégia do Partido Nazista de se autodenominar "socialista" revelou-se uma manobra propagandística sem relação com os valores centrais do socialismo, como a igualdade social e a luta de classes. A revisão bibliográfica e a análise histórica confirmam que essas ideologias foram reações violentas contra os ideais progressistas e promoveram regimes de opressão e discriminação, evidenciado pela perseguição a socialistas, comunistas e outros opositores. O estudo reforça a importância de um debate acadêmico fundamentado para desmistificar as interpretações errôneas e reafirma a necessidade de vigilância contínua contra as ideologias autoritárias, destacando a relevância dos valores democráticos e o compromisso com a preservação da ordem social e política.

Palavras-chave: Fascismo; Nazismo; Totalitarismo; Política Comparada; Análise Teórica.

An Analysis of the Ideological Nature of Fascism and Nazism: Refuting the Link to the Left

Abstract: This study examines the attempt to link fascism and Nazism to left-wing ideologies, clarifying ideological distortions and offering a historical, comparative and theoretical analysis. It is shown that both fascism and Nazism are manifestations of the extreme right, based on principles of authoritarianism, exacerbated nationalism and rigid social hierarchies. The Nazi Party's strategy of calling itself "socialist" turned out to be a propaganda maneuver unrelated to the core values of socialism, such as social equality and class struggle. The literature review and historical analysis confirm that these ideologies were violent reactions against progressive ideals and promoted regimes of oppression and discrimination, evidenced by the persecution of socialists, communists and other opponents. The study reinforces the importance of a well-founded academic debate to demystify misinterpretations and reaffirms the need for continuous vigilance against authoritarian ideologies, highlighting the relevance of democratic values and the commitment to preserving social and political order.

Keywords: Fascism; Nazism; Totalitarianism; Comparative Politics; Theoretical Analysis.

1 - INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O fascismo e o nazismo, como movimentos políticos do século XX, são amplamente reconhecidos por suas características de autoritarismo extremo, nacionalismo exacerbado e militarismo. Apesar do consenso acadêmico de que ambos representam ideologias de extrema direita, existe um debate persistente que tenta associar esses regimes às ideologias de esquerda, alimentado principalmente pela interpretação superficial do nome oficial do partido nazista, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Essa nomenclatura, que inclui o termo "socialista", tem sido utilizada para sugerir erroneamente uma conexão com o socialismo.

Essa associação é problemática, pois ignora a discrepância fundamental entre as ideologias de esquerda e as práticas e princípios do fascismo e do nazismo. O uso do termo "socialista" pelos nazistas foi uma manobra estratégica destinada a atrair a base trabalhadora, sem refletir uma verdadeira adesão aos princípios socialistas. Em vez disso, o regime nazista, assim como o fascismo, promoveu uma agenda que enfatizava o nacionalismo extremo, o militarismo e uma hierarquia social rígida, enquanto se opunha abertamente aos princípios de igualdade social e à luta de classes, que são centrais às ideologias de esquerda.

O problema de pesquisa que este estudo visa abordar é a tentativa de confundir a classificação ideológica do fascismo e do nazismo, especialmente através da interpretação equivocada do termo "socialista" em seu nome. A questão central a ser investigada é até que ponto o fascismo e o nazismo podem ser corretamente caracterizados como movimentos de extrema direita e como refutar a alegação de que esses regimes pertencem à esquerda política.

O objetivo deste estudo é demonstrar, através de uma análise histórica, comparativa e teórica, que o fascismo e o nazismo são ideologias de extrema direita e esclarecer as distorções que tentam vinculá-los à esquerda. Para isso, serão examinadas as origens e o desenvolvimento histórico desses regimes, suas bases ideológicas e práticas, e será realizada uma comparação com os princípios das ideologias de esquerda, como o socialismo e o comunismo. Além disso, serão analisados casos históricos que evidenciam a oposição do fascismo e do nazismo ao socialismo e ao comunismo, como a perseguição de socialistas e comunistas na Alemanha nazista e na Itália fascista. Este estudo pretende, assim, contribuir para um entendimento mais preciso dessas ideologias e fortalecer a argumentação que sustenta sua correta classificação como movimentos de extrema direita.

2 - METODOLOGIA

Para refutar a associação do fascismo e do nazismo com movimentos de esquerda, a metodologia deve combinar uma revisão bibliográfica e uma análise comparativa. A revisão bibliográfica será fundamental para reunir e analisar obras acadêmicas, artigos científicos e documentos históricos que explorem as ideologias de direita e esquerda, bem como os regimes fascista e nazista. Essa base teórica permitirá compreender as características ideológicas dos movimentos em questão e esclarecer as diferenças fundamentais entre eles e as ideologias de esquerda, como o socialismo e o comunismo.

A análise comparativa será usada para confrontar os princípios fundamentais e as políticas práticas dos regimes fascista e nazista com aquelas defendidas por movimentos de esquerda. Elementos como nacionalismo versus internacionalismo, autoritarismo versus democracia, e supremacia racial versus igualdade social serão centrais nessa comparação. Além disso, casos históricos específicos, como a perseguição de socialistas e comunistas na Itália e na Alemanha, servirão para ilustrar a oposição ideológica entre esses regimes e o socialismo. Por fim, uma discussão teórica situará o estudo no contexto do debate acadêmico mais amplo sobre ideologias políticas, utilizando teorias de ciência política para reforçar a argumentação contra a associação do fascismo e do nazismo à esquerda.

3 – ESPECTROS POLÍTICOS E A NATUREZA DOS MOVIMENTOS TOTALITÁRIOS

A terminologia "direita" e "esquerda" na esfera política tem suas raízes históricas na Revolução Francesa de 1789, um evento que marcou a cisão ideológica entre diferentes grupos sociais durante a formação da primeira constituição francesa. Na Assembleia Nacional, os representantes da alta burguesia, conhecidos como Girondinos, ocuparam os assentos à direita do plenário, delineando uma posição conservadora e favorável à manutenção do status quo. Este grupo era constituído por indivíduos que tinham interesses diretos na preservação dos privilégios advindos do antigo regime, demonstrando resistência a mudanças que pudessem alterar as estruturas de poder ou promover uma redistribuição de recursos que beneficiasse as camadas populares. A oposição dos Girondinos a qualquer transformação radical que pudesse emergir das demandas populares evidenciava sua inclinação em adotar reformas que, de forma restrita, salvaguardassem seus interesses, ao mesmo tempo que limitavam o acesso das classes menos favorecidas a direitos e participação política efetiva.

Em contraposição, à esquerda do plenário, posicionaram-se os Jacobinos, representantes de uma coalizão formada pela baixa burguesia, trabalhadores e setores mais oprimidos da sociedade. Este grupo político defendia uma ruptura com as tradições do antigo regime e propunha uma nova ordem social, onde as reformas fossem orientadas para a promoção de igualdade e justiça social. Os Jacobinos, influenciados por princípios de igualdade e fraternidade, buscavam estabelecer um governo que respondesse às necessidades das classes populares, advogando por políticas que incluíssem a redistribuição de terras, o controle dos preços dos alimentos e outras medidas que visassem a melhoria das condições de vida das massas. A tensão entre os dois grupos, simbolicamente representada pela sua disposição física no plenário, não apenas refletia, mas também cristalizava a dicotomia entre conservadorismo e progressismo que, desde então, perpassa as disputas políticas em várias partes do mundo (HOBSBAWM, 2005).

Figura 1. Girondinos vs. Jacobinos



Fonte: Revista BBC, 2021 (<https://11nq.com/OxSHu>).

A distinção entre esquerda e direita, embora submetida a reinterpretações ao longo da história, permanece como um tema central e indispensável no debate político contemporâneo. As transformações políticas e sociais não eliminaram as diferenças fundamentais entre esses dois espectros, que se sustentam em princípios essenciais e divergentes, notadamente na forma como abordam a questão da igualdade. A direita, tradicionalmente, defende a ordem social estabelecida, valorizando a liberdade individual, a propriedade privada e a hierarquia, enquanto a esquerda promove a igualdade material, a justiça social e a intervenção estatal como meios de corrigir as desigualdades estruturais. Assim, mesmo diante de mudanças contextuais, a essência da divergência entre a

preservação do *status quo* e a busca por transformação social continua a ser o eixo central da análise política (BOBBIO, 2003; SCHEEFFER, 2007).

A distinção entre os dois espectros políticos torna-se mais clara ao se examinar a forma como cada um aborda a questão da igualdade. Tradicionalmente, a esquerda é associada a um empenho em mitigar as desigualdades sociais, fundamentando-se na premissa de que muitas dessas desigualdades são artificiais e, portanto, passíveis de serem eliminadas por meio de intervenções políticas. Em contrapartida, a direita tende a considerar as desigualdades como naturais ou inevitáveis, sustentando que essas podem desempenhar funções positivas dentro da sociedade. Essa divergência conceitual se manifesta na formulação de objetivos e políticas por cada espectro, embora, na prática, possa haver sobreposições nos métodos empregados (BOBBIO, 2003).

Historicamente, tanto a direita quanto a esquerda enfrentaram crises de legitimidade em diferentes momentos. A direita foi amplamente contestada após a Segunda Guerra Mundial devido à sua associação com regimes autoritários, enquanto a esquerda passou a ser criticada com maior intensidade após a queda do socialismo no final do século XX. Essas críticas não significaram o desaparecimento dessas categorias, mas sim uma reconfiguração dos seus significados e desafios. A dicotomia entre esquerda e direita continua a ser uma ferramenta analítica importante para entender as dinâmicas políticas e sociais em diferentes contextos históricos (BOBBIO, 2003).

Tabela 1. Distinções entre Direita e Esquerda

	Direita	Esquerda
Origem Histórica	Alta burguesia, Girondinos	Baixa burguesia, Jacobinos
Visão sobre Igualdade	Acredita em funções positivas das desigualdades	Acredita que desigualdades são artificiais e passíveis de eliminação
Posição sobre o Estado	Valorização da ordem e preservação das estruturas sociais estabelecidas	Defende reformas para criar uma nova ordem social e política com maior justiça social
Economia	Tendência a apoiar o livre mercado e a economia de mercado tradicional	Tendência a apoiar intervenções estatais e reformas econômicas para redistribuição de riqueza
Classificação de Movimentos	Movimentos como nazismo e fascismo são classificados como de direita devido à sua ênfase na hierarquia e no nacionalismo extremo	Movimentos como o socialismo e o comunismo são classificados como de esquerda devido à sua ênfase na igualdade social e econômica

Fonte: Bobbio, 2003.

Entretanto, as circunstâncias históricas e econômicas, notadamente a hegemonia do neoliberalismo, têm colocado desafios significativos à governabilidade tanto de partidos de esquerda quanto de direita. Essa situação tem gerado críticas de que, na prática, as diferenças entre esses espectros podem se tornar menos evidentes, especialmente quando ambos se veem compelidos a adotar políticas semelhantes em resposta a pressões externas. Apesar dessas convergências, a dicotomia entre esquerda e direita permanece uma ferramenta analítica útil para a compreensão das diferentes abordagens políticas e sociais, sublinhando a persistência de contrastes fundamentais no que tange à igualdade e à organização social (BOBBIO, 2003).

3.1 – Fascismo

A ideologia fascista, originária da Itália no início do século XX, com Benito Mussolini como figura central, é marcada por um ultranacionalismo exacerbado e um autoritarismo que se manifesta através de um poder ditatorial, sustentado pela repressão violenta da oposição e pela regimentação rigorosa da sociedade e da economia. Mussolini, um ex-socialista que rompeu com o movimento socialista devido a divergências ideológicas profundas, fundamentou o fascismo em princípios de nacionalismo extremo, militarismo, e uma rejeição explícita ao liberalismo, ao socialismo e à democracia, defendendo a supremacia do Estado sobre o indivíduo, promovendo a ideia de uma nação glorificada acima de qualquer outro valor (PAXTON, 2005).

Figura 2. *Fascio Littorio*.



Fonte: Revista Superinteressante, Ago. 2018 (<https://11nq.com/4lw8u>).

A simbologia do fascismo, representada pelo *fasciolittorio* — um feixe de varetas ao redor de uma machadinha, remetendo ao poder dos lictores do Império Romano — encapsula a essência dessa ideologia como uma força plebeia a serviço de uma elite

dominante, cujo objetivo era impor ordem em uma sociedade desigual. Após a Primeira Guerra Mundial, as milícias paramilitares italianas, conhecidas como *fascio di combattimento*, desempenharam um papel crucial na ascensão de Mussolini ao poder em 1922. O Partido Nacional Fascista, definido em seu estatuto de 1932 como uma milícia civil subordinada ao Duce, adotou o lema "crer, obedecer, combater". Esse regime se manteve no poder por 23 anos, instaurado através de um golpe e consolidado por meio de uma ditadura que suprimiu a oposição e reforçou o controle estatal sobre a sociedade (TROTSKY, 2019).

O fascismo, enquanto ideologia, é também marcado por uma profunda desconfiança em relação ao mundo intelectual, manifestada por meio de expressões depreciativas como "porcos intelectuais" e "cabeças-ocas", além de um antagonismo declarado contra as universidades, consideradas redutos de subversão comunista. Este sintoma evidencia a rejeição sistemática da cultura moderna e da inteligência liberal, acusadas de abandonar os valores tradicionais (ECO, 2018).

Até 1936, o regime fascista italiano manteve um compromisso com as forças tradicionais, como a Igreja, a monarquia e a burguesia, embora preservasse certa autonomia em relação a essas instituições. Com o término da Guerra da Etiópia e a proclamação do império em maio daquele ano, Mussolini rompeu o pacto implícito com as elites tradicionais, desencadeando uma "reviravolta totalitária" que marcou uma nova fase do fascismo no poder (POLANYI, 2013). A partir desse momento, a Itália transformou-se em um Estado totalitário, rompendo com os "anos de consenso" que vigoraram entre 1929 e 1936. Essa "reviravolta totalitária" representou, conforme alguns autores, um retorno ao fascismo em sua fase inicial, caracterizado como um movimento republicano, antirreligioso, antiburguês, revolucionário, progressista e modernista (ROLLEMBERG, 2017).

Apesar de não possuir uma filosofia própria, o fascismo italiano, sob a liderança de Mussolini, fundamentou-se em uma retórica inspirada nas ideias de Giovanni Gentile, especialmente no conceito hegeliano de "Estado ético absoluto". Este movimento se consolidou como a primeira ditadura de direita na Europa, servindo de modelo para regimes semelhantes. A habilidade de adaptação do fascismo é evidente em sua reemergência em 1943, sob a forma de uma república "social", com o apoio da Alemanha nazista (ECO, 2018).

A interpretação de Antonio Gramsci sobre o fascismo destaca-o como uma reação a uma crise orgânica do capitalismo, intensificada pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa. Para Gramsci, o fascismo surge da tentativa da pequena e média burguesia urbana de se reestruturar diante dessa crise, ao mesmo tempo em que reflete a

iniciativa da grande burguesia de centralizar seus interesses e enfrentar a ameaça do proletariado, com a colaboração de proprietários de terras e grandes industriais (GRAMSCI, 2021). Gramsci rejeita a ideia do fascismo como uma entidade monolítica e homogênea, explorando suas contradições internas e demonstrando como o fascismo opera como um fenômeno destinado a superar essas contradições.

Além disso, Gramsci sublinha a complexidade ideológica do fascismo, que não se restringe a uma única ideologia originária. Em vez disso, o fascismo representa uma amalgama de influências diversas, incluindo o nacionalismo de Corradini e o irracionalismo do futurismo de Marinetti. Segundo Gramsci, o fascismo é um fenômeno que incorpora elementos de várias doutrinas, adaptando-se às necessidades tanto da pequena quanto da grande burguesia (NICODEMOS, 2021).

3.2 – Nazismo

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a imposição do Tratado de Versalhes, a Alemanha enfrentou profundas dificuldades econômicas e sociais, gerando uma insatisfação nacional generalizada. Nesse contexto de crise, o Partido Nazista emergiu sob a liderança de Adolf Hitler, que encontrou na política um meio de expressar os fracassos de sua juventude, marcados por rejeições e dificuldades financeiras. A adesão de Hitler ao Partido Nazista, que contou com o apoio da elite alemã, proporcionou-lhe uma plataforma para manifestar seu descontentamento com as condições do país devastado pela guerra e humilhado pelas imposições internacionais (NASCIMENTO, 2016).

Em 1921, Hitler assumiu a liderança absoluta do Partido Nazista, utilizando a crise econômica como catalisador para angariar apoio popular. Ele argumentava que a ruína da Alemanha estava enraizada na pobreza econômica, sentimento que ressoava amplamente entre a população (HITLER, 2023). Após a fracassada tentativa de golpe em 1923, que resultou em sua prisão, Hitler redigiu "*Mein Kampf*", obra na qual delineou os ideais nazistas centrados na superioridade da raça ariana e na supremacia do Estado alemão.

O nazismo, como uma forma de fascismo, rejeitava a democracia liberal e o sistema parlamentar, incorporando em sua ideologia o racismo científico, o antissemitismo, o anticomunismo e a eugenia. O nacionalismo extremo do nazismo derivava do pangermanismo e do movimento étnico *Völkisch*, ambos centrais ao nacionalismo alemão desde o século XIX. Esse nacionalismo foi ainda influenciado pelos *Freikorps*, grupos paramilitares da República de Weimar, que promoveram o “culto à violência” posteriormente adotado pelos nazistas (EVANS, 2003).

Libertado em 1924, Hitler reorganizou o Partido Nazista, promovendo seus ideais por meio de uma combinação de propaganda e violência. Ao consolidar-se como chanceler, eliminou os partidos opositores e estabeleceu o nazismo como a única força política na Alemanha, assegurando sua posição como líder supremo. Com o início da Segunda Guerra Mundial, o regime nazista alemão expandiu o conflito ao ocupar diversos países europeus, como Dinamarca, Holanda, França e Bélgica, levando-o a uma escala global que envolveu 58 nações (GILBERT, 2014).

Embora o nazismo compartilhasse certas características com o fascismo, destacou-se por sua ênfase acentuada no racismo e no antissemitismo. O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), apesar de seu nome, rejeitava completamente as bases do socialismo. A ideologia nazista repudiava a luta de classes e promovia uma visão hierárquica e racial da sociedade, onde o arianismo era considerado superior (LANGER, 2018).

O regime nazista implementou políticas de extrema crueldade, especialmente contra judeus, negros, homossexuais e pessoas com deficiências físicas. Tais atrocidades foram justificadas por Hitler com a crença de que o “pecado contra o sangue e a raça” constituía o pecado original da humanidade, cuja perpetração levaria ao fim da civilização (HITLER, 2023).

É importante ressaltar que o nacional-socialismo não almejava a criação de um “homem novo”, mas sim o retorno a um “homem antigo”. Para os ideólogos nazistas, a raça germânica precisava resgatar suas origens por meio de um “salto para trás”, como forma de evitar a extinção. Esse projeto de revolução cultural era visto como uma promessa de libertação que implicava a rejeição das ideias do “homem judaico-cristão, humanista, universalista e liberal”, em favor de um retorno ao “homem novo” das origens, o primeiro de todos. Este movimento não representava uma simples reação ao passado, mas sim uma tentativa de “sair da história”, uma história que, na visão nazista, trouxe apenas sofrimento aos germânicos. A fórmula “Reich de mil anos”, que substituiu o termo “Terceiro Reich” a partir de 1938, expressa esse “desígnio absoluto” de libertação da história (ROLLEMBERG, 2017).

O movimento hitlerista transformou seu isolamento político em um ponto de atração significativo, conquistando o apoio de setores da sociedade alemã que, embora inicialmente conformados com a República de Weimar, eram reticentes quanto às mudanças políticas e ao avanço do socialismo. Esse apoio, que inicialmente se dirigia a partidos moderados, foi progressivamente transferido ao nacional-socialismo,

especialmente em resposta à percepção de que a democracia estava associada à derrota, dificuldades econômicas, instabilidade política e à perda de poder internacional da Alemanha. Assim, aspectos antes vistos como positivos na democracia tornaram-se, na prática, motivos de sua rejeição (GALLEGO, 2003).

Por fim, o nazismo, assim como o fascismo, é caracterizado por uma série de elementos centrais, incluindo o culto à tradição e a rejeição da modernidade, o irracionalismo e a aversão à crítica e à diversidade. Além disso, o movimento fascista apela às classes médias frustradas, promovendo um nacionalismo exacerbado e glorificando a luta e o heroísmo. O elitismo e a centralização do poder em uma concepção populista qualitativa são outros aspectos distintivos dessa ideologia (ECO, 2018).

3.3 – Razões para Vinculação do Fascismo e Nazismo com a Direita Política

O nazismo e o fascismo são historicamente classificados como movimentos de direita devido à sua ênfase na hierarquia social, no nacionalismo extremo e na rejeição dos princípios de igualdade universal, frequentemente associados à esquerda. Essas ideologias promovem a ideia de que certas raças ou nações são superiores, justificando a exclusão, opressão e até o extermínio de grupos considerados inferiores. Além disso, ambos os movimentos exaltam o papel do Estado autoritário, centralizado e militarizado, que governa através da força e do controle social, características que se alinham com a tradição política da direita, que valoriza a ordem, a autoridade e a preservação das estruturas sociais estabelecidas (ECO, 2018).

Tabela 2. Características Ideológicas do Nazismo, Fascismo e Movimentos de Esquerda

	Nazismo	Fascismo	Movimentos de Esquerda
Origem e Contexto Histórico	Alemanha, anos 1920-1930, liderado por Adolf Hitler	Itália, anos 1920, liderado por Benito Mussolini	Diversos países, especialmente após a Revolução Russa (1917)
Base Ideológica	Nacionalismo extremo, supremacia racial (arianismo), antissemitismo	Nacionalismo extremo, corporativismo, anticomunismo	Igualdade social, redistribuição de renda, internacionalismo
Visão de Estado	Estado totalitário e centralizado, subordinado ao líder (<i>Führerprinzip</i>)	Estado autoritário e centralizado, subordinado ao líder (Duce)	Estado como instrumento de igualdade e justiça social
Nacionalismo	Extremamente forte, com ênfase na pureza racial e expansão	Extremamente forte, com foco na glória e expansão do Estado	Internacionalismo e solidariedade entre classes

	territorial	italiano	trabalhadoras
Militarismo	Enfatiza o militarismo, a guerra como meio de expansão e purificação racial	Enfatiza o militarismo, a guerra como meio de expansão nacional	Variável, com tendências pacifistas (socialismo) e apoio à luta armada (comunismo)
Política Econômica	Economia controlada pelo Estado, com colaboração de grandes empresas	Economia corporativista, integração entre capital e trabalho sob supervisão estatal	Coletivização, controle estatal ou comunal dos meios de produção
Tratamento das Minorias	Perseguição violenta de judeus, ciganos, e outras minorias raciais e políticas	Repressão de opositores políticos e grupos que ameaçassem a unidade nacional	Defesa das minorias, luta contra a opressão de classes e desigualdades sociais
Posição em Relação ao Socialismo/ Comunismo	Fortemente anticomunista e antissocialista, associa o marxismo ao "bolchevismo judeu"	Anticomunista, repressão violenta de socialistas e comunistas	Essencialmente socialista/comunista, promovendo a luta de classes e a abolição da propriedade privada
Liberdade Individual	Severamente restrita, com forte controle estatal e repressão política	Severamente restrita, com foco na disciplina e lealdade ao Estado	Liberdade individual subordinada à igualdade social e econômica
Propaganda e Culto à Personalidade	Uso extensivo de propaganda estatal e culto a Hitler como Führer	Uso extensivo de propaganda estatal e culto a Mussolini como Duce	Variável, com maior foco em líderes revolucionários em movimentos comunistas

Fonte: Bobbio, 2003; Eco, 2018; Rollemberger, 2017.

Outra justificativa para classificar o nazismo e o fascismo como ideologias de direita é sua oposição explícita ao socialismo e ao comunismo, movimentos tipicamente associados à esquerda. O fascismo, em particular, surgiu como uma reação ao avanço das ideias socialistas e comunistas na Europa do início do século XX, oferecendo uma alternativa que rejeitava a luta de classes em favor de uma visão corporativista da sociedade. Nesse modelo, o Estado controla e coordena as relações entre as diferentes classes sociais, sem buscar a eliminação das desigualdades, mas sua regulamentação. Assim, o nazismo e o fascismo, ao advogarem pela manutenção de uma sociedade hierárquica e excludente, se

posicionam claramente no espectro da direita política¹ (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foram esclarecidas as distorções ideológicas que frequentemente tentam vincular o fascismo e o nazismo às ideologias de esquerda. A análise histórica, comparativa e teórica demonstrou que essas ideologias são manifestações evidentes da extrema direita, fundamentadas em princípios de autoritarismo, nacionalismo exacerbado e rígidas hierarquias sociais. A utilização do termo "socialista" pelo Partido Nazista revelou-se uma estratégia meramente propagandística, sem correspondência com os valores centrais do socialismo, como a igualdade social e a luta de classes.

A revisão bibliográfica e a análise dos contextos históricos confirmaram que o fascismo e o nazismo, longe de representar movimentos progressistas ou igualitários, foram reações violentas contra tais ideais, instaurando regimes de opressão e discriminação. A perseguição sistemática a socialistas, comunistas e outros grupos opositores durante esses regimes evidencia a incompatibilidade dessas ideologias com os princípios de esquerda.

Dessa forma, este estudo contribui para um entendimento mais preciso das classificações ideológicas desses movimentos, desmistificando interpretações errôneas que tentam associá-los à esquerda. Reforça, ainda, a importância de um debate acadêmico fundamentado, capaz de dismantlar narrativas simplistas e equivocadas sobre a natureza dessas ideologias. O fascismo e o nazismo, alinhando-se com a direita política em suas práticas e princípios, destacam-se como exemplos históricos de regimes que rejeitaram qualquer forma de igualdade e justiça social, valores centrais para as ideologias de esquerda.

A análise apresentada sublinha a necessidade de desmistificar as ideologias fascistas e nazistas, enfatizando a vigilância constante e a compreensão para a preservação dos valores democráticos. A frase de Bertolt Brecht (2016): “a cadela do fascismo está sempre no cio”, serve como um lembrete contínuo da ameaça que essas ideologias representam. Ao refutar a incorreta associação do fascismo e do nazismo com a esquerda política, este

¹ Também defendem que o fascismo e o nazismo se posicionam na extrema-direita do espectro político tradicional os autores abaixo: SUCY, Robert. *Fascism*. Enciclopédia Britannica, 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/>; DAVIES, Peter; LYNCH, Derek. *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. [S.l.]: Routledge, 2002. p. 1-5; GRIFFIN, Roger. *Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 8, 307; KALLIS, Aristotle A. *The fascism reader*. Nova Iorque: Routledge, 2003. p. 71; HARTLEY, John. *Communication, Cultural and Media Studies: The key concepts*. 3. ed. [S.l.]: Routledge, 2004. 187 p.; REICH, Wilhelm. *The Mass Psychology of Fascism*. [S.l.]: Harper Collins, 1970 e HAWKESWORTH, Mary; KOGAN, Maurice. *Encyclopaedia of Government and Politics: Volume 1*. [S.l.]: Routledge, 1992.

trabalho promove uma compreensão mais fundamentada de suas origens e características. A clareza conceitual alcançada é essencial para fortalecer a resistência contra essas ideologias autoritárias e garantir que os erros do passado não se repitam. Assim, o estudo amplia a compreensão histórica e reafirma o compromisso com os princípios democráticos, destacando a importância do estudo contínuo para a preservação da ordem social e política.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política**. Unesp, 2003.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gian Franco. **Dicionário de Política**. Universidade de Brasília. 1998.

BRECHT, Bertolt. *Fear and Misery of the Third Reich*. Bloomsbury Publishing, 2016.
ECO, Umberto. **O fascismo Eterno**. Editora Record, 2018.

EVANS, Richard J. **The coming of the Third Reich**. Penguin, 2005.

HITLER, Adolf. **Mi Lucha: Mein Kampf**. History Books, 2023.

HOBSBAWM, Eric J. **A revolução francesa**. Paz e Terra, 2005.

GALLEGO, Ferran. El nazismo como fascismo “auténtico”. **HMiC:Història Moderna i Contemporània**, [enlínia], 2003, n. 1. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/28891>. Acesso em 10 set. 2024.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. Leya, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere (Vol. 3): Maquiavel. Notas sobre o estado e a política**. Civilização Brasileira, 2023.

LANGER, Walter C. **A mente de Adolf Hitler: o relatório secreto que investigou a psique do líder da Alemanha nazista**. LEYA, 2018.

NASCIMENTO, Lucas Paulo Golin Xavier. Uma Análise da Ideologia Nazista a Partir da Ética de Espinosa. **Revista Filosofia Capital**, [S. l.], v. 11, pp. 89–98, 2016. Disponível em: <https://www.filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/335>. Acesso em: 5 set. 2024.

NICODEMOS, Carlos Eduardo. Gramsci e o fascismo: uma análise conceitual a partir dos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci. **Primordium**, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 1-37, jan./jun. 2021.

PAXTON, Robert O. *The anatomy of fascism*. Vintage, 2005.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação-As origens políticas e econômicas do nosso tempo**. Leya, 2013.

ROLLEMBERG, Denise. Revoluções de direita na Europa do entre-guerras: o fascismo e o nazismo. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, v. 30, n. 61, pp. 355-378, maio-agosto 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eh/a/TnKzk78Gtg5KXHsVT7kH7hr/abstract/?lang=pt> .

Acesso em 8 set. 2024.

SCHEEFFER, Fernando. Direita e esquerda hoje?. *Revista Eletrônica Direito e Política*, v. 2, n. 1, p. 36-45, 2007.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo**. Editora Autonomia Literária, 2019.